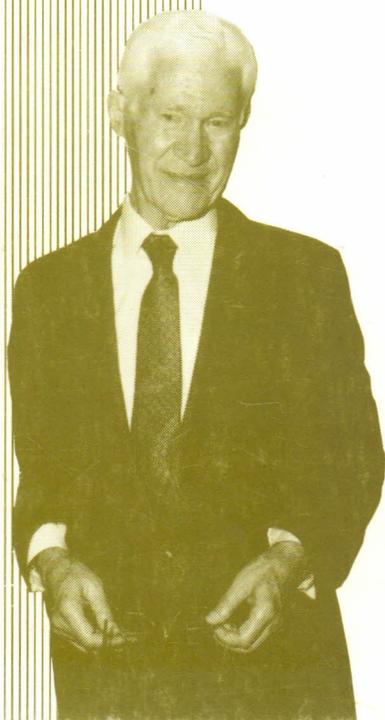


MANUEL VIEGAS GUERREIRO

UMA EXCURSÃO
À SERRA
DO ALGARVE



LOULÉ - 1991

MANUEL VIEGAS GUERREIRO



UMA EXCURSÃO À SERRA DO ALGARVE

Itinerário: Corcitos • Cabaça • Barrigões
• Sarnadinha • Montinho • Corte Fidalgo
• Sítio das Éguas • Sobreira • Monte do
Alganduro • Ameixeirinha • Corcitos.

Beira-Serra do Algarve, Corcitos,
Sábado, 29 de Agosto de 1959.

2.ª EDIÇÃO

Câmara Municipal de Loulé
Abril de 1991

Por se tratar de uma obra que retrata na sua totalidade o modo de vida da nossa gente, reportando-se a uma época não muito distante, e constatando-se que por ter tido uma edição particular, teve distribuição restrita a qual se encontrava esgotada, solicitou a Junta de Freguesia de Querença autorização ao seu autor para uma reedição, o qual foi conseguido com o apoio da Câmara Municipal de Loulé.

*Junta de Freguesia de Querença
4 de Abril de 1991*



*Joaquim Boicinha e Prof. Manuel Viegas Guerreiro
No Sítio das Éguas - Agosto de 1956*

Céu de cinza claro-escuro. Cintilação ténue de estrelas a morrer na alvura da manhã. O almocreve assenta sobre a albarda do velho macho ruço o alforge garrido de borlas com o viático da caminhada. Abalámos ainda sem sol, no seio do ar fresco do amanhecer, em direcção do norte. A pouco mais de um quilómetro atravessámos a pé enxuto a Ribeira da Salgada. O Areneiro, solão de areias vermelhas, onde a custo medram as árvores do campo algarvio, fica para trás. Transposta a estrada que leva de Salir ao Barranco do Velho, metemo-nos pelo lado nascente do vale do Rio Seco. Seco como a Ribeira da Salgada e outras que nascem na Serra.

A alfarrobeira, volumosa, possante e muito verde infiltra-se pelos correços, anunciando a presença do Algarve típico em terras da montanha.

À direita, a subida íngreme da serra. Os caminhos amplos já lá vão; começam os trilhos. O sobreiral das umbrias não move uma folha. Nem homens, nem aves, nenhum indício de vida animal. Um silêncio absoluto de sonho e de mistério. Quase me parece sacrilégio misturar palavras ao divino sossego da Natureza.

O meu guia, o Joaquim Boicinha dos Corcitos, parente por afinidade, embora seja homem inteligente e vivo e amigo de falar, como bom algarvio, respeita o religioso emudecimento em que me absorvo por algum tempo.

Ambos a pé, um ou outro a cavalo, e nunca o macho às costas, como o burro da fábula, que a estes sítios ermos não chegam as vozes do mundo...

Do cimo de uma colina avistamos quase toda a *serra braba* do Algarve. Barrancos muito fundos, vales caindo em vales, manchas escuras de mato, terras nuas de lavoura, rebanhos apascentando-se nas encostas e ao longe e ao perto os cumes boleados dos montes. E em todo este horizonte vasto e belo, soltando-se como hálito da terra, uma neblina violácea e azul, transparente e

doce e macia sob um céu prodigiosamente luminoso.

Serra braba, lhe chamam, para a distinguir da *serra chã*, que se lhe segue, para o norte, *menos pincre e mais andaimosa*, isto é, de pendor mais suave. *Braba* para as gentes que não conhecem outra braveza e têm diante de si dois tipos distintos de relevo.

Andados uns quilómetros, atingimos o Monte da Cabaça. Aqui, monte não tem o sentido que lhe dão os alentejanos. É um sítio de alguns moradores, poucos, em regra. O da Cabaça tem uns 10. O casario agarra-se ao espinhaço de uma colina e perto, como é habitual, fica a fonte de água férrea. O que vai escrever-se acerca das casas vale para as de todos os lugares. Seu carácter é primitivo. Formam-nas lajes de xisto liadas a barro e assentes na rocha viva. A fachada é rectangular. Abrem-se nela duas portas ; uma, da casa de habitação, com postigo, de cujos lados sai um poial de pouca altura, onde se aliviam de cargas, o corpo repousa e se goza, ao ar livre, da frescura do morrer dos dias caniculares; outra, a da cavaliariça. Telhado de uma só água, de telha mourisca. Dentro, 3 ou 4 divisões, além da loja do gado: casa de estar, à entrada; um quarto, à direita, às vezes com minúscula janela; a casa de fogo, à esquerda, sem chaminé ou com simulacro dela e celeiro, para trás. O chão é de terra batida, lajeado ou de ladrilho. O compartimento de estar é o de arquitectura mais variada. Na frente de quem entra, a meio da parede, abre-se o nicho do Pai-do-Céu, hoje, vazio. O crucifixo, ou o tempo o destruiu ou o está destruindo, e poucos vestígios se encontram dos seus milagrosos companheiros - o menino Jesus, e Santo António. A altura deste pequeno oratório para um lado ou para o outro corre o friso, também desnudado, que servia de acomodar a loiça vistosa. O prato do peixe verde, o do galo de crista vermelha e do cavaleiro miraculosamente suspenso sobre os abismos, que me regavam os olhos de moço, já se não vêem expostos.

Na parede da fachada e na parte de dentro cava-se o poial dos cântaros.

As divisões, por dentro, são, no geral caiadas.

Com as paredes por rebocar e o seu tom castanho escuro a casa serrana integra-se perfeitamente no todo a que pertence. E nem lhe fica mal o ar rude e tosco da sua fisionomia exterior. Bela de seu natural, começa, porém, a sofrer uma influência de mau gosto.

O homem da montanha, para tomar títulos de civilização, começa a cair de branco, à semelhança do algarvio do barrocal, as rugosidades da sua habitação. É um exotismo condenável, imitação servil, impúdica e desconforme, que despersonifica e ofende a paisagem. A mais ou menos cal vai sendo até índice de riqueza. Da lamбуçadela em torno da ombreira às paredes todas brancas se graduam teres e haveres.

Os arruamentos são muito ou pouco tortuosos conforme o relevo do chão em que se implantam. Taliscas esqueléticas de xisto irregularmente distribuídas, brotando do solo como lâminas de navalhas, em feiras de diferentes níveis, formam o pavimento das ruas, cuja largura não raro é medida por homem de braços abertos.

Pode o agregado familiar dispor ainda de forno, pocilgo, curral e palheiro. O forno liga-se à casa ou constrói-se perto dela. Acontece servir mais de uma família, mas a posse é de uma só. A sua traça é relativamente complexa, reveladora de grande soma de reflexões.

Entra-se para um vestíbulo rectangular com um banco de pedra para tabuleiros, de um lado, e uns paus de suporte de utensílios empregados na fabricação do pão, do outro. Este compartimento abre em arco para o forno propriamente dito e está separado por um estreito saguão através do qual o forno respira.

O pocilgo e o curral distinguem-se apenas em ser este mais amplo do que aquele: um rectângulo limitado por valados com abrigo telhado a um canto.

O palheiro é circular, alto, de pedra e barro e fechado por tecto cónico de palha de centeio. Dá-se-lhe aqui o nome de *palheiro de veio*.

Há quem considere estas casas cilíndricas como um traço arcaico da vida material destas gentes, uma sobrevivência das milenárias habitações castrejas. Observei que este tipo de palheiros ainda hoje se constrói. «Gosto de conservantismo do passado», como algures se escreveu, ou sobretudo escolha de uma forma de construção mais adequada ao fim a que se destina do que a rectangular? O recinto redondo enche-se e esvazia-se melhor; o telhado cónico, de fábrica simples, permite um bom escoamento das águas e enche-se até às traves que lhe servem de suporte. E, segundo averigui, as palhas aí arrecadadas conservam-se sempre frescas e sem bolores, o que é atribuído à cobertura de palha de centeio.

Nenhuma outra construção, portanto, mais própria para a recolha dos fenos. Até dá vontade de pensar que esta dependência, tal como o forno, não foi adaptação da casa a palheiro mas uma criação independente do engenhoso espírito do homem.

Neste lugar da Cabaça ofereceu-me a sombra das suas telhas o rico lavrador Manuel Guerreiro Mariano. Custa um pouco penetrar na intimidade desta gente isolada, mas algum jeito, origem aldeã, perentela e conhecimentos vencem as primeiras resistências. E vem o natural fluir de um convívio aberto. Falámos de coisas antigas, de ditos e versos e o lavrador recitou uma quadra de sua autoria deitada à sobreira. Fê-la em moço e tem dificuldade em evocá-la. Imperfeita na forma vale pelo seu conteúdo.

*Viva a casca da sobreira,
Que é uma árvore de estimação;
Não tem consumo na nossa terra,
Tem de sair p'ra outra nação.*

Viva a casca da sobreira
Que é uma árvore mal estimada;
O dono só lhe chega ao pé
Quando tem preciso de ser tirada.
Tiram-lhe os frutos à pancada
E estimam-na de qualquer maneira,
Não olham bem p'ra carteira,
Sendo uma árvore distinta
Até do sumo se lhe faz tinta
E viva a casca da sobreira.

Para fora é exportada
Desta cortiça mais fina,
Loze, parece platina,
Adepois de fabricada.
«Eu ainda nunca fui cultivada
E a minha assombra não dá pão,
Tanto serve semear como não,
Olhem que a verdade é esta».
Ainda que dê nunca presta
Mas é uma árvore de estimação.

Dali sai a boa prancha
E dali sai a boa folha
E dali se faz a boa rolha
E tudo isso vai à balança.
«E o meu dono por mim descansa
Por eu ser cá da serra
E quem não dá conta é quem não erra
E o meu dono estima-me mal
E sendo uma árvore principal
Não tem consumo na nossa terra.

Cá os nossos portugueses
Nem m'eles sabem olhar,
Malamente me vão tirar
P'ra benefício dos ingleses;
Americanos e franceses
Esses é que me dão estimação,
Forro-lhe casas frescas no Verão
P'ra muita gente viver
E olhe que é pena não ter
Consumo na nossa nação.

O meu guia não lhe quer ficar atrás e salta com outra do famoso Varejota Silva, da aldeia da Tôr e freguesia de Querença, falecido há uns 50 anos. É dedicada à terra:

*E eu na terra fui criado,
Eu na terra fui nascido
A terra me há-de comer
Depois de ser sepultado.*

A terra é a minha mãe,
Não no nosso duvidar,
E para esta me criar
Tudo da terra me vem,

Eu à terra quero bem,
A terra bem me tem querido,
Eu na terra tenho vivido
E na terra é que hei-de ter fim,
Sei que a terra que é assim,
Eu na terra fui nascido.

Eu na terra é que semeio
De todo o meu alimento,
Da terra tiro o sustento
E eu na terra é que passeio;
Da própria terra me veio
Água p'ra ser baptizado,
A mesma terra me tem dado
Tudo quanto me é preciso,
Tenho pena, se a terra piso
E eu na terra fui criado.

Deus à terra me mandou
Com o uso da razão,
A terra me deu o pão
E o pão é que me criou;
Ao dispor da terra estou,
Visto na terra viver;
A terra me há-de valer
Enquanto nela for vivendo
E, depois, quando morrendo,
A terra me há-de comer.

O corpo da criatura
É só terra e nada mais,
Os nossos restos mortais
Estão sujeitos à sepultura;
Isto é a verdade pura,
Tudo na terra é criado,
Depois torna ao mesmo estado,
Visto na terra viver,
E a terra me há-de comer
Depois de ser sepultado.

Enquanto decorria a recitação, avivavam-se-me na lembrança os versos de uma quadra dirigida ao Sol e também da autoria de um poeta popular de nomeada da mesma freguesia de Querença e do sítio do Serro da Corte - o meu saudoso tio e padrinho Francisco Martins Farias. Foi homem de extraordinária graça e talento e a fama das suas invenções e ditos permanece ainda muito viva na memória de quanto o conheceram.

Diz assim a quadra:

*Admira-me o brilhante Sol,
Que deita tanto calor;
Anda no ar sem cair,
Tal é o poder do Senhor.*

Se a gente bem considerasse
O que é a noite mais o dia,
Como é que a gente se governaria
Se aquela luz nos faltasse.
Só um mês que se apagasse
Já morria muito home
E mulherzitas de fome.
Por faltar uma luz clara,
Não se atixa e não se apaga,
Admira-me o brilhante Sol.

Se Deus nos quisesse matar
Que ninguém se desviava,
Que num instante nos acabava,
Numa mão de abrir fechar.
Lá em cima, lá no ar,
Temos um pai criador
De forças e tanto valor
De mais aquela bola de fogo,
Que alumia o mundo todo
Que deita tanto calor.

Mesmo assim o Sol divino,
Que anda naquelas alturas,
Corre serros e baixuras,
Grande é aquele destino.
Com cuidados vai seguindo,
Sem ninguém o dirigir,
Por baixo da terra vai sair,
Com força e rigoreza,
Não há nada de mais ciência,
Anda no ar sem cair.

Ninguém sabe os poderes que tem
Um só Deus verdadeiro,
Que matava o mundo inteiro
E dava volta ao chão também.
Olhem p'ró's astros, escutem bem
E que ninguém se queira opor,
Trovoadas com terror
E relâmpagos de fogo ardendo,
Este milagre se está vendo,
Tal é o poder do Senhor.

Visitamos o burgo e recolho na máquina a imagem de dois cardadores de lã, no exercício de seu labor.

São 11 horas. Caminhamos para Barrigões. Onde o solo se veste, cresce o medronheiro, a esteva, o estevão, o *sargoaço*, os *rasmonos*, o tojo, o lentisco, a murta, o trovisco, a *mongariça*, a urze, a acendalha... Manto vegetal pouco mais que rasteiro, degradado por séculos de pastoreio, de queimadas, de arroteias.

Faz pena ver aqui, espalmado no chão, abatido de toda a sua grandeza, mas resistindo teimosamente à fúria destruidora do homem, o nobre e altivo carvalho de outros tempos.

Oiço e distingo, a distância, subindo do fundo dos vales, a toada melancólica de uma canção alentejana. É um pastor com o seu rebanho de ovelhas, a perder-se nas dobras de um outeiro. Consolou-me a ingenuidade do canto, tão receoso estava de adivinhar na melodia os requebros dengosos de algum fado pelintra. A serra chã espreguiça-se, ondeante e quase toda nua, pelos confins do horizonte. Lá bem ao fundo, o dorso imponente do Caldeirão.

Surgem, no percurso, duas fontes, uma de água férrea, que no conceito de serrenho é a melhor das águas. O moinho de vento de Barrigões alteia-se na crista de um serro, de cone zincado e brilhante. O lugarejo ergue-se a meia encosta, para o norte, e adormenta-se entre arvoredos. Nas linhas sinuosas do relevo, na assimetria dos bosques de sobreiros, no flexuoso dos troncos e dos ramos, na variedade discreta das cores, sob a ardência do Sol, há uma vida toda interior, que se não comunica, uma beleza serena e calma que se exterioriza. É todo o mistério da natureza a embalar-nos nos seus braços, a enfeitiçar-nos para sempre com os seus sortilégios. E por mais que o tempo passe, alma presa aos liames deste encanto trará perpetuamente em si uma viva saudade destes

lugares.

O sítio é de poucos moradores. Encontramos pousada em uma casa pobre, onde dispomos a tralha para o almoço. O meu capacete africano intimida um tanto esta gente humilde. Supõem-me guarda-fiscal, republicano ou guarda-rio. Abrem-me as portas, reticentes e desconfiados. Aqui é uma mulher já velha que me recebe. Um moço de lavoira derreia-se sobre uns sacos de cereal. Um gaiato espreita da rua. Digo quem sou e ao que venho. Ganha-se um pouco de confiança.

Os de fora, depois de nos identificarem, caem-nos em chusma sobre a roda. E matam a sofreguidão de novidades, de falar, de saber coisas.

Como de costume, a princípio, ninguém sabe de velharias.

Perguntei por adivinhas e disse eu próprio uma do meu reportório. Foi quanto bastou para desatar a língua à dona de casa.

- Então aponte lá esta! exclamou, sorridente.

*Há duas aves negrais,
Todas duas dum parecer:
Uma come e não bebe
E outra é viva sem comer.
Tu não sabes e eu te digo:
O mosquito bebe sangue
e o gorgulho come trigo.*

- E mais estas:

*Por cima, linho,
Por baixo, pinho,
De roda, amores
E no meio, flores.*

R. - A mesa.

*Oh, que lindo ramalhetel!
Nem cozido, nem assado,
Nem comido com colher;
Não adivinhas este ano,
Nem para o ano que vier,
Se te eu não disser.*

R. - Uma romã.

*Tigelinha de ferro, baracinho de linho,
Toca-lhe, toca-lhe com um pauzinho.*

R. Candeia de ferro.

*Fui à serra serrar um madeiro,
Não tinha palmo nem meio palmo;
Vim para casa, fiz dois tabuleiros
E duas tábua de tender
E ainda sobrou um cocharrinho para mim beber.*

R. - Dentes e bolota.

Nisto se está, quando chega uma filha da dona da casa. Olha, desconfiada, para o ajuntamento, e, ao ver-me de papel na mão, volta-se embravecida para a mãe a gritar:

- Vossemecê não sabe nada! Cale-se!

É com algum trabalho que convenço a moça de que não venho por mal. E, por fim, até me pedia que a fotografasse. É tecedeira e pude com gosto admirar a sua arte em toalhas, mantas e panos de linho. O tear, primitivo, merecia minucioso estudo. Fica para outra vez, para excursão mais demorada.

Abalamos para a Samadinha.

A vereda, em que nos afundamos coleia entre matos altos e rescendentes. As calças tingem-se do verniz das estevas e a besta velha, quase sempre sem carga, vai roçando o mato e abrindo caminho.

O Monte da Samadinha lá está, em cima, no refego de um serro. Não conhecemos ninguém neste sítio e vamos confiados, agora, em que a apreçoada generosidade da rica lavradora do lugar nos há-de dar cama para a noite. Levo uma meia apresentação verbal e entro a propô-la à velhinha. Mansidão no falar, feitio acolhedor, mas, a respeito de cama, nem uma palavra.

De comida não carecíamos. Tinhamo-la para vários dias.

Diga-se, aliás, que em parte alguma no-la ofereceram sem reticências, o que desmente um pouco a famigerada hospitalidade montanhesa. A grande pobreza, em que quase toda esta gente vive, explicará, em parte, um tal retraimento. E, nesse caso, que dizer da Lavradora? Tão acabada está pela doença e pelos anos, que nem ânimo e decisão já pode ter para abrigar peregrinos da nossa estirpe.

O único ser inteiramente vivo, que encontrámos nesta casa, foi uma jovem

serviçal, afilhada da pacífica senhora. Toda ela rechochuda, de olhos muito salientes em cara rosada e sem fealdade. Em, baixo, uns sapatos cardados e soquetes desleixadamente caídos davam-lhe um ar descomposto e de desmazelo. No meio de uma expressão risonha uns dentes mal nascidos, e até só o lugar deles, minguavam um pouco a graça à anafada moça.

Se a serra fosse a de Monchique, confirmar-se-ia a cantiga:

*As moças de Monchique
São bonitas, mas sem dentes,
Porque bebem água fria
E comem castanhas quentes.*

Peço-lhe quadras, adivinhas, contos, mas a resposta é sempre a mesma:- Não sei, não me lembro.

Experimento uma negaça, recito-lhe a conhecida quadra popular:

*Dizem que a serra, que é serra,
A serra também dá pão,
Na serra também se criam
Meninas de estimação.*

E a rapariga acode ao reclamo:

*O sol julga que me engana,
Ele é que é enganado,
Quando nasce, estou eu na cama,
Quando se põe, estou eu deitado.*

E não pude tirar mais da moça do que a cediça e insípida adivinha:

Redondo como um capacho e comprido como um baraço.

Mas é tarde e há que girar para o Montinho que fica ainda longe. E convém evitar a noite pelos caminhos.

Pouco adiante, três irmãos abrem um novo leito à ribeira, para ganhar uma

nesga de terra em que hão-de fazer uma hortita. É uma das labutas mais rudes desta gente da serra. A leiva, que a cheia não arrasta para o mar, deposita-se em Nateiros que marginam os cursos de água. É neles que se semeiam e plantam os produtos hortícolas indispensáveis à vida. É necessário guardar continuamente essas terras irrigáveis de novas enxurradas e ganhar outras para a cultura. Acastelam-se pedras, erguem-se muros, e até, como no caso presente, se rasgam, a golpes de gigantesco esforço, novas saídas para o caudal das ribeiras. Esta de que falamos está a ser praticada através de rocha compacta e aberta exclusivamente à força de barra e picareta. É um fosso enorme, de uns 60 metros de comprimento por 4 ou 5 de largura; com 2 ou 3 de fundo. Não conta o tempo nem o trabalho, contanto que a couve possa medrar nuns escassos palmos de terra, que as cheias cedo ou tarde hão-de levar.

Este o trabalho nos vales; mas outro não menos penoso se desdobra nas encostas declivosas da montanha. Depois de queimados os matos e arrancadas as cepas, andam os homens e animais realizando prodígios de força e equilíbrio por terrenos embargosos e impraticáveis, mão possante no arado, pescoços jungidos à canga, para colher no fim da safra as duas ou três magras sementes do parco alimento de cada dia.

E atente-se no paradoxal e lamentável resultado a que conduz semelhante labor: arrancado o manto vegetal que segura as terras, vão estas sendo arrasadas, sob a acção erosiva das chuvas, para o fundo dos vales. O solo adelgaça-se e empobrece a ponto de não deixar crescer o tenro caule das gramíneas, acabando mesmo por ficar a descoberto, em algumas regiões, o sub-solo rochoso e infecundo. E assim se tem impedido que nasçam, cresçam e se multipliquem as árvores que constituem a verdadeira riqueza da serra: a sobreira, o medronheiro e a azinheira.

Outro flagelo não menos nocivo à economia da montanha é o pastoreio. Até há 50 anos, antes das grandes arroteias, ele bastava para reduzir a um «maquis» rasteiro e pobre a flora espontânea. Queimavam-se os matos para renovar as pastagens; e os arbustos que resistiam ao fogo eram depois pasto da insaciável voracidade das cabras. Esta prática continua a realizar-se, embora em menor escala.

Fala-se muito, ultimamente, em povoamento florestal. É necessário acabar de vez, escreve-se, com a utilização rotineira e criminosa do solo serrano. Pouco se alude, entretanto, aos meios práticos de alcançar um tal objectivo.

(1) O leitor, que quiser conhecer com algum pormenor os problemas da Serra do Algarve, deve ler o excelente trabalho do engenheiro silvicultor M. Gomes Guerreiro, *Subsídios para um melhor ordenamento agro-florestal do Algarve*, pub. na Rev. Agros em 1954, em cuja leitura tiveram origem algumas destas observações.

Convencer os serrenhos de que devem proteger as árvores e plantar outras? Não creio que seja tarefa a realizar, uma vez que ninguém melhor do que eles sabe apreciar o actual e alto valor da cortiça e o preço compensador dos medronhos.

A solução do problema parece ter raízes puramente sociais e económicas. A maior parte da gente que habita a montanha não possui terra ou é dona apenas de uns migalhos dela. Semeando terrenos alheios e apascentando neles os seus rebanhos, com trabalhos forçados e rendimento mínimo, que admira que a dura lei da necessidade a cegue criminosamente para o mais elementar respeito pela fazenda do Senhor? Nesta breve viagem a dois dias tive o desgosto de passar junto de sobreiras adultas reduzidas a um feixe de troncos negros e desfolhados pelo fogo impiedoso de seareiros sem escrúpulos. Para os que possuem meia dúzia de minúsculas courelas nenhum significado económico também podem ter uma centena ou duas de árvores, que, postas hoje, os reduziriam à miséria, pela razão clara de que não podem esperar que cresçam e nem depois de crescidas lhe proporcionariam o rendimento de que carecem para viver. Mas, enquanto esta gente existir na serra, como se há-de evitar que a lavre e desmouteie?

Se queremos dar remédio a tão grave mal, teremos de criar novas condições de vida para a população serrana, aplicando uma parte dela nas tarefas das futuras plantações e deslocando a outra para lugares onde o seu esforço possa ser simultâneamente útil a si e à economia da nação.

Mas cortemos o passo a este desvio, que vai longo, e tomemos às nossas andanças. ⁽¹⁾

Ficaram os três moços abrindo o canal e nós demandando a provável pouxada do Montinho. Perto dele topámos com um calvário, à beira de um riacho. Aqui, segundo nos conta um pastor dos Vermelhos, um maltês esmigalhou com um bajolo a cabeça a um incauto almocreve, enquanto bebia, debruçado sobre a água. «E era amigo e companheiro dele», acrescentava. Na base do obelisco insculpiram-se as letras P N A M que ali estão a suplicar aos viandantes que rezem piedosamente um Padre Nosso e uma Ave Maria pela alma da infeliz vítima.

E chegámos ao Montinho. Acolhimento para a noite sobre o chão da eira, foi quanto nos atrevemos a pedir. Mantas não nos faltavam.

- Sim senhor, podem ficar, - respondeu prontamente a dona da casa. O marido não estava e por isso não arriscava outra oferta.

Para não perder o meu tempo comecei logo a fazer perguntas a um lapuz toscamente barbudo e descalço que para ali estava bamboleando as pernas, sentado sobre um poial alto da rua.

- Ó tiozinho, que sementeiras fazem nestes sítios?
- Trigo e centeio, cevada e aveia, às vezes favas, às vezes grãos.
- E griséus?
- Griséus também, sim senhor.

- Semeiam mais cevada do que aveia ou mais aveia do que cevada?

Tinham-me dito que a cevada se não dá nos solos magros da serra e que pouca aqui se semeia, mas perguntei para confirmar o que ouvira.

- É segundo e conforme, respondeu. Se alguns têm mais cevada, semeiam mais cevada, se alguns têm mais aveia, semeiam mais aveia.

- Mas, em geral, o que é que se semeia mais?

- Já disse. Se alguns têm mais cevada, semeiam mais cevada, se têm mais aveia semeiam mais aveia.

O homem pareceu-me tolo. E soube, depois, que me não enganava. Era o Sete-barrigas, conhecido em toda a corda da serra, um meio parvo e preguiçoso de todo que vivia de esmolos e do pouco trabalho com que raramente está disposto a castigar-se.

Chamam-lhe assim por comer desalmadamente. O meu guia contou-me que, um dia, nos Corcitos, o Sete-barrigas se queixou de fome e pediu açorda. Comeu-a e, em seguida, em outra casa, repetiu a dose. E logo, um nada adiante, voltou a queixar-se de fome e ingeriu uma terceira açorda. Três de enfiada, nada menos. De outra vez, em casa do lavrador Portela do mesmo lugar, deixaram-no à noite junto de uma canastra de figos que ele tinha apanhado. De manhã, não restava um (tinha-os comido todos). Lamenta-se com frequência de uma maleita que tem, que o não deixa comer. Está desdentado, sofre de *ensiedade*, está farto de sofrer. Enquanto conversávamos pediu uns tremocitos à dona da casa. Trouxeram-lhe um cocharro bem cheio deles. Após tê-los devorado todos, exclamou:

- Não posso, eu não posso comer tremoços, não tenho dentes para eles.

E daí a pouco comia connosco um bom pedaço de pão com peixe.

Ao despedir-se sempre lhe fui dizendo:

- Tome muito cuidado com a saúde, ó amigo, que vossemecê está deveras mal!!!

E sumiu-se...

Chegou, entretanto, o dono da casa. Estávamos no fim da refeição. Peixes num prato, peixes no coração das brenhas são caviar em mesa de príncipes. O homem salvou-nos, e andando de um lado para o outro não tirava os olhos do apetecido alimento. Tínhamo-lo com abundância e pudemos oferecer-lhe o que estava à vista. O serrenho arregalou os olhos e ainda tartamudeou um *Não Senhor* muito afogado na goela; o braço, porém, adiantou-se à frouxidão in-

- Ó tiozinho, que sementeiras fazem nestes sítios?
- Trigo e centeio, cevada e aveia, às vezes favas, às vezes grãos.
- E griséus?
- Griséus também, sim senhor.

- Semeiam mais cevada do que aveia ou mais aveia do que cevada?

Tinham-me dito que a cevada se não dá nos solos magros da serra e que pouca aqui se semeia, mas perguntei para confirmar o que ouvira.

- É segundo e conforme, respondeu. Se alguns têm mais cevada, semeiam mais cevada, se alguns têm mais aveia, semeiam mais aveia.

- Mas, em geral, o que é que se semeia mais?

- Já disse. Se alguns têm mais cevada, semeiam mais cevada, se têm mais aveia semeiam mais aveia.

O homem pareceu-me tolo. E soube, depois, que me não enganava. Era o Sete-barrigas, conhecido em toda a corda da serra, um meio parvo e preguiçoso de todo que vivia de esmolos e do pouco trabalho com que raramente está disposto a castigar-se.

Chamam-lhe assim por comer desalmadamente. O meu guia contou-me que, um dia, nos Corcitos, o Sete-barrigas se queixou de fome e pediu açorda. Comeu-a e, em seguida, em outra casa, repetiu a dose. E logo, um nada adiante, voltou a queixar-se de fome e ingeriu uma terceira açorda. Três de enfiada, nada menos. De outra vez, em casa do lavrador Portela do mesmo lugar, deixaram-no à noite junto de uma canastra de figos que ele tinha apanhado. De manhã, não restava um (tinha-os comido todos). Lamenta-se com frequência de uma maleita que tem, que o não deixa comer. Está desdentado, sofre de *ensiedade*, está farto de sofrer. Enquanto conversávamos pediu uns tremocitos à dona da casa. Trouxeram-lhe um cocharro bem cheio deles. Após tê-los devorado todos, exclamou:

- Não posso, eu não posso comer tremoços, não tenho dentes para eles.

E daí a pouco comia connosco um bom pedaço de pão com peixe.

Ao despedir-se sempre lhe fui dizendo:

- Tome muito cuidado com a saúde, ó amigo, que vossemecê está deveras mal!!!

E sumiu-se...

Chegou, entretanto, o dono da casa. Estávamos no fim da refeição. Peixes num prato, peixes no coração das brenhas são caviar em mesa de príncipes. O homem salvou-nos, e andando de um lado para o outro não tirava os olhos do apetecido alimento. Tínhamo-lo com abundância e pudemos oferecer-lhe o que estava à vista. O serrenho arregalou os olhos e ainda tartamudeou um *Não Senhor* muito afogado na goela; o braço, porém, adiantou-se à frouxidão in-

distinta da voz. Foi, sem dúvida, por isso, e também porque o meu guia lhe disse muito à puridade que eu era Doutor, que o homem me ofereceu fidalgamente a melhor cama que tinha. Sono repousante e penso que merecido até ao romper do dia.

Fazia frio e corriam velozmente no céu nuvens muito carregadas.

- O tempo rodou p'rás bandas do pego e vamos ter chuva, observava judiciosamente o serrenho, de nariz no ar e braço apontado ao Sul.

Olhei em volta e fixei com algum alívio o alentado pára-chuvas do meu companheiro.

O Montinho fica num alto e é constituído pelas depedências de um só morador. No fundo da vertente norte corre a Ribeira do Vascão, a clássica linha natural que divide o Alentejo do Algarve. Para além, dela em um morro, acomoda-se o burgo alentejano de Corte Fidalgo. Para lá abalámos, em busca do Sítio das Éguas, perto, a sudoeste e de novo no Algarve.

Corte Fidalgo, em cima, é um burgo semelhante aos de que falei. Uma velha assomou a um postigo e veio para a rua clamar da vida. Supôs, talvez, que fôssemos autoridades.

- É uma vida negra a que a gente leva!

Olhei pára dentro de casa e não vi lugar para o crucifixo. Perguntei por ele. Respondeu-me:

- A gente, agora, já não usa isso.

Soube, em Barrigões, que não iam à missa. A Igreja fica longe, objectaram-me. Pouca fé, nenhuma assistência espiritual a almas propensas, pelo isolamento em que vivem, à meditação e reflexão. É este também um grave problema a que urge dar imediata solução.

Na ribeira do Vascão, que ainda uma vez atravessámos, pude ver um típico exemplar de carvalho. Até aí, só a carvalheira se esparrinhava pelo chão. Dizem-me que esta árvore aparece frequentemente para os lados de Odemira. Estes fundos da Serra Chã, frescos e húmidos, atapetam-se aqui e além de manchas de fetos desconhecidos da Serra Brava.

As terras limftrofes do Sítio das Éguas estão densamente povoadas de sobreiral, como já acontecia nos outros montes. A que será devida esta riqueza silvícola tão em contraste com a relativa nudez destes terrenos montuosos? A germinação espontânea de sementes carregadas da Serra para o Monte e caídas nas cercanias dele? A existir ao tempo da fixação da gente e a ser poupada para dar sombra a homens e gados?

Neste Sítio das Éguas travou-se breve e animada conversa em uma roda de habitantes do lugar. Um cego espertalhão excedia a todos em saber e vivacidade. Uma aluna do Liceu de Faro veio cumprimentar-me.

- Gosto mais de viver aqui do que na cidade, dizia.

- Acredito, vamos ver se mantém essa preferência pelo tempo diante.

Em menos de um credo nos pusemos em Sobreira. Transpusemo-la, sem detença. O Monte do Alganduro estava à vista, rente ao cabeço da magestosa colina do mesmo nome. Nem a nota pitoresca do moinho de vento lhe falta para lhe realçar a beleza.

O meu companheiro aponta para um sulco negro e profundo que fende de alto a baixo uma sobreira e explica:

- Aquilo foi obra de um raio.

E subimos ao Alganduro. A vista alcança para todos os lados formosos e extensos panoramas.

De *folclore* é que nada recolhi. Uma serrenha rica deu-nos água e assentos, mas tirou-nos teimosamente todas as esperanças de contos e cantigas. Estaria desconfiada e fechava-se na negativa.

- Não há velhos, nem velhas. Aqui ninguém sabe disso.

E o tempo voava para a tarde. Merendámos na Ameixeirinha, cerca de uma fonte de água turva, da tal água férrea, medicinal, muito boa, «o que há de melhor», na expressão do meu guia, mas que me não convenceu.

E pelo Rio Seco abaixo nos fomos abeirando do ponto em que se ía fechar a linha sinuosa do nosso itinerário. Neste fim de viagem fui ouvindo com interesse a história aventureira do meu companheiro de excursão, que passou dois anos no Brasil e sete na Argentina, de onde regressou com uma dúzia de contos, que lhe não deram para nada, achando-se, hoje tão pobre como dantes.

E aqui fica terminado o breve e apressado relato de uma excursão de dois dias pela Serra do Algarve.

Lisboa, Outubro de 1956.